



4

Para além do princípio prazer, o silêncio

Com o fim da Primeira Guerra Mundial, o império Austro-Húngaro, aliado da Alemanha, é derrotado e despedaçado. O governo multissecular dos Habsburgo chega ao fim, e a recém batizada Áustria Alemã se encontra em um estado de caos político e de ruína econômica. Pela primeira vez na história, os soldados que retornaram do front, voltaram “[...] mudos do campo de batalha, não mais ricos e sim mais pobres em experiência comunicável” (Benjamin, 1936, p. 198).¹

Esse é o contexto no qual Freud, segundo suas próprias palavras, ao “[...] tropeçar numa curiosa idéia das pulsões”, escolhe “[...] o tema da morte [...]” (Freud & Salomé, 1912-1939, p. 129 – grifo nosso) e redige “Para além do princípio do prazer”.

Muito mais do que o simples e circunstancial produto do trabalho de um Freud preocupado com a velhice, com a miséria de sua família e do mundo ao seu redor e com a morte² (Ibid.), “Para além do princípio do prazer” marca uma virada importante na elaboração teórica analítica. Com sua publicação em 1920, mas também com “Psicologia das massas e análise do eu” (1921) e “O eu e o isso” (1923), dá-se a grande reformulação dos anos vinte da teoria freudiana. O dualismo pulsional, que em 1914 já não se sustentava por conta da formulação de um ‘eu’ passível de ser investido libidinalmente, volta aqui sob a forma de uma nova oposição. De um lado, temos agora as pulsões de vida, que passam a

¹ Diz-nos Benjamin a respeito da Primeira Guerra: “Nunca houve experiência mais radicalmente desmoralizada que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras, a experiência econômica pela inflação, a experiência do corpo pela guerra de material e a experiência ética pelos governantes. Uma geração que ainda fora à escola num bonde puxado por cavalos se encontrou ao ar livre numa paisagem em que nada permanecera inalterado, exceto as nuvens, e debaixo delas, num campo de forças de torrentes e de explosões, o frágil e minúsculo corpo humano.” (Benjamin, 1936, p. 198)

² Freud respondia então a uma carta de Lou Andréas Salomé a respeito de uma pergunta desta quanto à continuação da metapsicologia: “O trabalho sistemático de um tema é para mim impossível; o caráter fragmentário da minha experiência e a natureza esporádica de minhas descobertas não o permitem. Mas se viver por ainda dez anos, for capaz de trabalhar esse tempo todo, não morrer de fome, não for morto e não estiver demasiado afetado pela miséria de minha família e do mundo em volta – as condições sem dúvida são muitas –, prometo fazer outras contribuições” (Freud & Salomé, 1912-1939, p. 125).

englobar a pulsão sexual e as pulsões de autoconservação, e, de outro, a pulsão de morte.

4.1

Para-além do prazer

Retomando certas idéias que já estavam presentes no *Projeto* de 1895, Freud procede a um exame do princípio de prazer, segundo o qual o psiquismo busca o prazer e evita o desprazer – e sua subordinação ao princípio econômico de constância, segundo o qual o objetivo do aparelho psíquico é manter o mais baixo possível o nível de excitação.

Nesse exame, Freud aponta para seus limites e nos diz que, a rigor,

[...] é incorreto falar de dominância do princípio do prazer sobre o curso dos processos mentais. Se tal dominância existisse, a imensa maioria de nossos processos mentais teria de ser acompanhada pelo prazer ou conduzir a ele, ao passo que a experiência geral contradiz completamente uma conclusão desse tipo. O máximo que se pode dizer, portanto, é que existe na mente uma forte tendência no sentido do princípio de prazer, embora essa tendência seja contrariada por certas outras forças ou circunstâncias, de maneira que o resultado final talvez nem sempre se mostre em harmonia com a tendência no sentido do prazer. (Freud, 1920, p. 19)

Já havia na teoria anterior limitações ao princípio do prazer. Podemos arrolar o princípio de realidade – conceito proposto por Freud em 1911 no artigo “Formulações sobre os dois princípios de funcionamento mental”³ – que impõe limitações ao funcionamento do princípio do prazer, e o recalque das pulsões.

Mas o que verdadeiramente requer uma mudança de monta na teoria são outras evidências, que levam o psicanalista a propor a compulsão à repetição como uma forma de funcionamento do psiquismo anterior logicamente ao princípio de prazer.

As repetições de experiências desprazerosas, como as que ocorrem nas neuroses traumáticas ou neuroses de guerra, os sonhos traumáticos, a repetição na transferência de situações dolorosas, e a reação terapêutica negativa, são as experiências que convencem o autor a dar uma nova inflexão à teoria psicanalítica.

As neuroses traumáticas são marcadas, de um lado, por sonhos cuja característica é de “[...] repetidamente trazer o paciente de volta à situação de seu

acidente, numa situação da qual acorda em outro susto” (Ibid., p. 24) e, de outro, por vigílias nas quais o sujeito sequer pensa no assunto; o que emerge recorrentemente durante o sono permanece completamente silencioso durante o dia.

No caso das neuroses traumáticas comuns, Freud assinala que surgem, de forma proeminente, as seguintes características: primeiramente, sua principal causa parece repousar sobre o fator da surpresa, do susto – isto é, “[...] o nome que damos ao estado que alguém fica, quando entrou em perigo sem estar preparado para ele [...]” (Ibid., p. 23); em seguida, que um ferimento ou dano infligidos simultaneamente operam, via de regra, contra o desenvolvimento da neurose. Freud liga essas fixações psíquicas traumáticas às reminiscências, consideradas por ele fundamentais no quadro histérico.

Outra forma de perigo é ilustrada pelo que veio a ser conhecido como *fort-da*. Freud observou que seu neto de um ano e meio costumava, na ausência da mãe, se entreter arremessando ao longe pequenos objetos, acompanhando o movimento com o som *o-o-o-o*; de acordo com Freud, este remeteria à palavra ‘fora’, *fort*, em alemão. Segundo uma primeira interpretação do autor, o uso que o menino fazia de seus brinquedos era “[...] brincar de ‘ir embora’ com eles” (Ibid., p. 25).

Em uma dessas brincadeiras, o objeto arremessado foi um carretel ao qual estava amarrado um barbante com o qual a criança o trazia de volta para si. Ao puxar o carretel para si, saudava seu reaparecimento com um alegre *da*, ‘aqui’.

Segundo Freud, o jogo se relacionava com a “[...] a grande realização cultural da criança” (Ibid., p. 26) isto é, a renúncia à satisfação pulsional que efetuava ao deixar a mãe ir embora sem protesto. Assim, o modo encontrado pela criança para compensar a ausência materna era encenando o desaparecimento e reaparecimento de seus brinquedos. Coloca-se então para Freud a seguinte questão: se a partida da mãe da criança lhe era desagradável, como então a repetição dessa experiência, por via da brincadeira, podia se harmonizar com o princípio de prazer? Segundo o autor, a criança teria transformado a experiência aflitiva em jogo pelo seguinte motivo: antes da brincadeira, encontrava-se, em relação à partida da mãe, em uma situação passiva, isto é, a experiência o

³ No artigo em questão, o princípio de realidade é proposto como substituto do princípio de prazer,

dominava. Agora, tornando-a um jogo, assumia, por mais desagradável que continuasse sendo a experiência, um papel ativo. Além disso, o arremessar ao longe dos brinquedos permitia à criança satisfazer um impulso de vingança contra a mãe, que na vida real fora suprimido.

Um ano mais tarde, Freud observa que essa mesma criança costumava agarrar um brinquedo com o qual estava ‘zangada’ para arremessá-lo ao longe exclamando: vá para frente. Segundo observa o autor, a criança escutara na época que o pai, ausente, se encontrava na frente de batalha. Assim, ficava claro como, longe de se lamentar da ausência do pai, “[...] não tinha o desejo de ser perturbado em sua posse exclusiva da mãe” (Ibid., p. 27).

Freud se pergunta então se o perigo externo seria motivo suficiente para postular a existência de tendências psíquicas mais originárias, situadas além do princípio de prazer.

Antes de propriamente responder à questão, Freud discute certos aspectos da situação analítica, característica por sua transferência e pela resistência que esta coloca, ressaltando a dificuldade de trazer à tona o que é do inconsciente. É preciso, diz ele, que o paciente neurótico repita em análise o recalque, mais especificamente o de sua vida infantil, marcado pelo Édipo, de forma a substituir a neurose que o levou a buscar a análise pela neurose de transferência.

Na cura analítica, dão-se os mesmos processos que os da atividade onírica da neurose traumática ou da brincadeira do *fort/da*. A estes processos, Freud dá o nome de ‘compulsão à repetição’ e assinala que somente um questionamento a respeito da idéia inconsciente pode permitir apreciá-lo adequadamente.

Trata-se assim de abandonar a oposição consciente-inconsciente, substituindo-a pelo confronto entre o ‘eu’, em parte inconsciente, e o que o recalque traz para o ‘eu’ ameaçador. Ao passo que as resistências, sempre inconscientes, devem ser situadas do lado desse ‘eu’ já não inteiramente assimilável ao consciente, a compulsão a repetição, fonte de desprazer para o ‘eu’, deve por sua vez ser situada do lado do recalque.

Coloca-se a esta altura do texto a questão a respeito da relação entre essa compulsão à repetição e o princípio de prazer. O que mostra a leitura que Freud (1920) faz da brincadeira do *fort/da* é que o desprazer não contradiz o princípio de

prazer. A dimensão desprazerosa da separação é compensada pelo prazer ligado à expressão da hostilidade. No entanto, a compulsão à repetição também

[...] rememora do passado experiências que não incluem possibilidade alguma de prazer e que nunca, mesmo há longo tempo, trouxeram satisfação, mesmo para impulsos pulsionais que desde então foram reprimidos. (Ibid., p. 31)

Freud ilustra a questão a partir do exemplo de pessoas que sem outros sintomas neuróticos aparentes, também se encontram sujeitas à compulsão à repetição e parecem condenadas a conhecer, de forma reiterada, o fracasso, como se “[...] perseguidas por um destino maligno ou possuídas por algum poder demoníaco” (Ibid., p. 32). Retomando seu artigo “O estranho”, publicado em 1919 e no qual trata do tema do duplo e da “[...] perpétua recorrência da mesma coisa” (Ibid., p. 33), Freud reconhece que efetivamente, existe na vida psíquica uma compulsão à repetição “[...] que sobrepuja o princípio de prazer” (Loc. cit.).

Côncio do passo que é preciso dar para continuar sua exposição, e na base do qual o que parecemos encontrar é algo muito mais da ordem de uma necessidade lógica, Freud, movido por um ‘desejo de saber’, adverte seus leitores do caráter especulativo do que tem a propor. Diz, trazendo de forma praticamente explícita a questão ética envolvida na escolha: “o que segue é especulação, amiúde especulação forçada, que o leitor tomará em consideração ou porá de lado, de acordo com sua predileção individual. É mais uma tentativa de acompanhar uma idéia sistematicamente, só por curiosidade de ver até onde ela levará” (Ibid., p. 35).

Retomando idéias de 1895, Freud propõe então, paradoxalmente, a morte do organismo como escudo contra o excesso de estímulos ou Q vindo do mundo externo. A vesícula é o modelo simplificado através do qual o autor explica a relação econômica que o aparelho psíquico mantém com o exterior e em função da qual se vê modificado – com sua camada cortical receptiva. O aparelho psíquico

[...] acha-se suspenso no meio de um mundo externo carregado com as mais poderosas energias, e seria morto pela estimulação delas emanadas, se não dispusesse de um escudo protetor contra os estímulos. Ele adquire esse escudo da seguinte maneira: sua superfície mais externa deixa de ter estrutura apropriada à matéria viva, torna-se até certo ponto inorgânica e, daí por diante, funciona como um envoltório ou membrana especial resistente aos estímulos. (Ibid., p. 38)

Vimos como, das pulsões, não há possibilidade de fuga. Assim uma das formas de se haver com esses estímulos provenientes do interior do organismo é

tratá-los como se fossem provenientes de fora.⁴ Em outros termos, a pulsão se encontra em relação ao aparelho em posição de alteridade. É, assim, traumático o que consegue atravessar esse ‘escudo’.

Os sonhos nos quais os sujeitos acometidos por uma neurose traumática revivem a situação do acidente têm como finalidade “[...] dominar retrospectivamente o estímulo, desenvolvendo a angústia cuja omissão constitui a causa da neurose traumática” (Ibid., p. 42). As manifestações da compulsão à repetição, para além das características próprias de cada exemplo que Freud traz, apresentam, tanto na brincadeira infantil como na neurose de guerra, o mesmo caráter pulsional independente do princípio de prazer. O que se desprende disso tudo é que tais sonhos parecem se constituir como exceção à lei enunciada por Freud em 1900, segundo a qual o sonho é sempre realização de um desejo.

Coloca-se então a questão da natureza da relação entre a pulsão e a compulsão à repetição. Isso conduz Freud a dar o passo decisivo do ensaio. Diz ele:

parece então que a pulsão é um impulso, inerente à vida orgânica, a restaurar um estado anterior de coisas, impulso que a entidade viva foi obrigada a abandonar sob a pressão de forças perturbadoras externas, ou seja, uma elasticidade orgânica, ou, para dizê-lo de outro modo, a expressão da inércia inerente à vida orgânica. (Ibid., p. 47)

Coloca-se então a questão de como é possível que estas forças, expressão da natureza conservadora da substância viva, coexistam com as forças responsáveis pelo desenvolvimento do organismo. Embora Freud deixe aqui a questão em aberto, levantará várias hipóteses.

Dentre elas, assinalaremos uma que nos pareceu de particular interesse. O autor nos propõe que, uma vez que a entidade viva não tem desejo de desenvolvimento, tais forças podem ser atribuídas a influências perturbadoras externas. Em outros termos, retoma indiretamente a idéia de uma evolução contingencial.

Por fim, termina o ensaio assinalando um fato notável: as pulsões de vida têm muito mais contato com nossa percepção interna e surgem como rompedoras da paz, produzindo constantemente tensões cujo alívio é sentido como prazer, ao

⁴ Diz-nos Freud quanto a isso: “É essa a origem da projeção destinada a desempenhar um papel tão grande na causação dos processos patológicos” (Freud, 1920, p. 40).

passo que as pulsões de morte parecem, por sua vez, efetuar seu trabalho discretamente, em silêncio.

4.2

O eu, o isso e o silêncio da pulsão

Como visto acima e como indica o autor, “O eu e o isso” se dá na continuação da reformulação teórica iniciada com o “Além do princípio do prazer”, de 1920, e retomada em “Psicologia das massas e análise do eu”, de 1922. No entanto, Freud assinala não haver em “O eu e o isso” empréstimo algum à biologia, estando este assim, “[...] mais próximo da psicanálise do que *Além do princípio de prazer*” (Freud, 1923, p. 25).

Freud inicialmente retoma as linhas gerais do caminho que a psicanálise até então percorreu. Por via da hipnose e do sonho, pôde abordar a oposição consciente/inconsciente, primeiramente aprimorando-a, e por fim superando-a.

Estabelece, para tanto, uma distinção entre as abordagens descritiva e dinâmica dos processos psíquicos, sobretudo no que dizem respeito ao termo ‘inconsciente’. No sentido descritivo, designa os processos psíquicos latentes e suscetíveis de se tornarem conscientes; a estes, deu o nome de ‘pré-conscientes’. No sentido dinâmico, trata do material recalcado que, por via da psicanálise, é passível, apesar e em função das resistências, de ser trabalhado e de se tornar consciente. A psicanálise propôs então a primeira representação tópica do aparelho psíquico, mais comumente referida como simplesmente primeira tópica, no qual este era dividido em consciente (*Cs*), pré-consciente (*Pcs*) e inconsciente.

No entanto, essa primeira tópica foi tida como insuficiente, uma vez formada a idéia do ‘eu’ como “[...] organização coerente de processos mentais” (Ibid., p. 30). É ao ‘eu’, diz-nos Freud, que a consciência se acha ligada: controla as abordagens à motilidade – isto é, a descarga de excitações para o mundo externo. Além disso, trata-se da instância psíquica responsável pela supervisão de todos seus próprios processos constituintes, esta que adormece, ainda que continue durante o sono exercendo a censura sobre o material onírico. Do ‘eu’, lembra Freud, “[...] procedem também os recalques, por meio dos quais procura-se excluir certas tendências da mente, não simplesmente da consciência, mas também de outras formas de capacidade e atividade” (Loc. cit.).

A partir do material clínico acumulado, Freud acabou se deparando

[...] com algo no próprio ‘eu’ que é também inconsciente, que se comporta exatamente como o recaiado – isto é, que produz efeitos poderosos sem ele próprio ser consciente e que exige um trabalho especial antes de poder ser tornado consciente. (Ibid., p. 31)

A oposição consciente/ inconsciente é aqui substituída pela oposição entre o ‘eu’ coerente e o recaiado dele expelido. Em função disso, o autor diz ter chegado à conclusão de que “[...] tudo o que é recaiado é *Ics.*, mas nem tudo o que é *Ics.* é recaiado” (Freud, 1923, p. 31).

A existência de uma parte inconsciente do ‘eu’ oposta a um ‘eu’ coerente acarreta o seguinte fato: era preciso reconhecer a existência de três tipos de inconsciente. Um primeiro, assimilável ao recaiado; outro, distinto deste e dependente do ‘eu’; e por fim, um terceiro, latente e correspondente ao *Pcs.*

A razão para essa mudança foi que os processos defensivos e a resistência também eram inconscientes, e não apenas pulsões e desejos. Se anteriormente apenas o pólo pulsional era inconsciente, agora também as forças defensivas podem sê-lo.

Sendo parte do ‘eu’ inconsciente, Freud é levado a se debruçar sobre ele. Freud assinala: é à consciência que está ligado o conhecimento. Até mesmo o conhecimento sobre o inconsciente depende de podermos ‘torná-lo consciente’ (Loc. cit.). Mas o que exatamente quer dizer isso? pergunta-se o autor.

Como havia proposto em exposições anteriores, podemos pensar a consciência como a superfície do aparelho psíquico, isto é, topograficamente falando, ou seja, é a primeira a ser atingida a partir do mundo externo (Loc. cit.).

Se “todas as percepções [...] recebidas de fora (percepções sensórias) e de dentro – o que chamamos de sensações e sentimento – são *Cs.* desde o início” (Ibid., p. 33), o que dizer “[...] daqueles processos internos que podemos – grosseira e inexatamente – resumir sob o nome de processos de pensamento?” (Loc. cit.). Segundo Freud, tais processos “[...] representam deslocamentos de energia mental [...] efetuados em algum lugar do aparelho, à medida que essa energia progride em seu caminho no sentido da ação” (Loc. cit.). Retomando o que havia proposto em 1915 no artigo “O inconsciente”, Freud nos diz que a real diferença entre uma idéia ou pensamento do *Ics.* e do *Pcs.*, é que a primeira é efetuada em algum material que permanece desconhecido, ao passo que a segunda é, além disso, vinculada a representações verbais (Loc. cit.).

O modo pelo qual algo se torna consciente, ou melhor, diz-nos o autor, pré-consciente, é “[...] vinculando-se às representações verbais que lhes são correspondentes” (Ibid., p. 34). Estas, por sua vez, são resíduos de lembranças que outrora foram percepções, podendo, tal como qualquer resíduo mnêmico, se tornarem novamente conscientes. O autor acrescenta: “[...] somente algo que já foi uma percepção *Cs* pode tornar-se consciente [;] qualquer coisa proveniente de dentro (à parte os sentimentos) que procure tornar-se consciente deve tentar transformar-se em percepções externas: isto se torna possível mediante os traços mnêmicos” (Loc. cit.). Em outros termos, só é passível de chegar à consciência o que for por ela considerado como externo.

Freud afirma que

os resíduos verbais derivam primariamente das percepções auditivas, de maneira que o sistema *Pcs.* possui, por assim dizer, uma fonte sensória especial. Em essência, uma palavra é, em última análise, o resíduo mnêmico de uma palavra que foi ouvida. (Ibid., p. 34-5)

Os componentes visuais das representações verbais, ainda que não menos importantes – “o estudo dos sonhos e das fantasias pré-conscientes [...] pode dar-nos uma idéia do caráter especial deste pensar visual” (Ibid., p. 35), são adquiridos mediante a leitura, e podem, inicialmente, ser deixados de lado, e assim também as imagens motoras das palavras, porque, exceto para os surdos-mudos, desempenham o papel de indicações auxiliares.

Assim, o modo pelo o qual o recalcado torna-se consciente, ou melhor, pré-consciente é fornecendo ao *Pcs.* vínculos intermediários mediante o trabalho de análise. São as representações verbais construídas em análise que podem se articular às idéias inconscientes, o que operará a mudança.

As mais importantes percepções internas são aquelas ligadas às sensações e sentimentos que remetem à série prazer-desprazer. O prazer e o desprazer são mais primordiais, diz-nos Freud, mais elementares do que as percepções surgidas externamente, podendo inclusive “[...] ocorrer mesmo quando a consciência se acha enevoadada” (Loc. cit.). Assim como as percepções que vêm do mundo externo, as sensações que provém do interior podem vir simultaneamente de diferentes lugares e terem qualidades diferentes, até mesmo opostas.

Diferentemente das sensações prazerosas, as deprazerosas impelem no sentido da mudança, da descarga é por isso que interpretamos o desprazer implicando uma elevação e o prazer uma redução do investimento energético.

Freud propõe então se dê o nome de ‘prazer’ ao que se torna consciente e desprazer a um ‘algo’ quantitativo e qualitativo no curso dos eventos psíquicos.

Segundo o autor, esse ‘algo’ se comporta à maneira do recaiado, sendo, como este, passível de chegar à consciência somente por via do sistema pré-consciente. Assim também como o recaiado, esse ‘algo’ pode “[...] exercer força impulsiva sem que o ‘eu’ note a compulsão” (Ibid., p. 35). É somente quando há resistência a esta, isto é, uma detenção na reação de descarga, que o ‘algo’ pode se tornar consciente como desprazer. Tal como as tensões que se apóiam nas necessidades físicas, o sofrimento pode, ele também, permanecer inconsciente. Esse sofrimento seria “[...] algo intermediário entre a percepção externa e interna, que se comporta como uma percepção interna, mesmo quando sua fonte se encontra no mundo externo” (Loc. cit.).

Freud assinala que se, de fato, é pelo sistema pré-consciente que as sensações podem ‘chegar’ à consciência, se lhes é barrado o caminho, não chegarão a existir como sensações. Esses ‘sentimentos inconscientes’ se diferenciam das ‘idéias inconscientes’ porque, quanto a estas, é necessário que sejam criados vínculos de ligação verbais antes que cheguem à consciência, ao passo que no caso dos ‘sentimentos’ isso não ocorre, sendo estes diretamente transmitidos (Ibid.). Em outros termos, a distinção consciente/pré-consciente não faz sentido no que concerne aos sentimentos inconscientes. Segundo Freud (1923), “[...] o *Pcs.* aqui é posto de lado – e os sentimentos são conscientes ou inconscientes. Mesmo quando estão ligados a representações verbais, tornam-se conscientes, não devido a essa circunstância, mas sim diretamente” (Loc. cit.). E conclui:

o papel desempenhado pelas representações verbais se torna agora perfeitamente claro. Através de sua interposição, os processos internos de pensamento são transformados em percepções. [...] Todo conhecimento tem sua origem na percepção externa. Quando um hiper-vestimento do processo de pensamento se efetua, os pensamentos são realmente percebidos – como se proviessem de fora – e conseqüentemente, são considerados verdadeiros. (Ibid., p. 37).

Vimos até agora que o ‘eu’ tem início no sistema perceptivo e abrange o pré-consciente. Mas, a partir de 1923, Freud afirma que o ‘eu’ também é inconsciente. O autor recorre a Georg Groddeck para afirmar que o “[...] eu comporta-se essencialmente de modo passivo [...] e que [...] somos ‘vivos’ por forças desconhecidas e incontroláveis” (Ibid., p. 37). E continua: “proponho [levar

a descoberta de Groddeck] em consideração chamando a entidade que tem início no sistema [perceptivo] *Pcpt.* e começa por ser *Pcs.* de ‘eu’, e seguindo Groddeck no chamar a outra parte da mente, pela qual essa entidade se estende e que se comporta se fosse *Ics.*, de ‘isso’ ”(Ibid.).

Diz-nos Freud: “A percepção para o eu desempenha o papel que no isso cabe à pulsão. O eu representa o que pode ser chamado de razão e senso comum, em contraste com o isso, que contém as paixões” (Ibid., p. 39).

Segundo Freud (1923) a relação que se estabelece entre o ‘eu’ e o ‘isso’, é

[...] como um cavaleiro que tem de manter controlada a força superior do cavalo; com a diferença de que o cavaleiro tenta fazê-lo com suas próprias forças, enquanto que o ‘eu’ utiliza forças tomadas de empréstimo. [...] Com frequência um cavaleiro, se não deseja ver-se separado do cavalo, é obrigado a conduzi-lo por onde este quer ir, da mesma maneira, o eu tem o hábito de transformar em ação a vontade do isso, como se fosse sua própria (Loc. cit.).

Não se trata de um inconsciente como sede das paixões mais vis, em oposição a uma consciência, sede da virtude e das nobres atividades intelectuais. É comum, lembra Freud, um impasse intelectual concernindo um trabalho delicado encontrar sua solução de forma inconsciente durante o sono. “Não apenas o que é mais baixo, mas também o que é mais elevado no ‘eu’, pode ser inconsciente” (Ibid., p. 40). Isso leva Freud à outra questão: nos termos do autor, a desnorteante descoberta do ‘sentimento de culpa’, ou seja, de uma terceira e última instância, o ‘supereu’.

Embora Freud tenha, desde o início de sua obra, assinalado a função repressora das exigências morais, nas quais encontramos o motor do recalque, isso ainda não tinha ganho o estatuto de instância pertencente ao aparelho psíquico.

Podemos dizer que o conceito de supereu é, enquanto tal, herdeiro do que Freud chamou de ideal do eu, em 1914, quando introduz o narcisismo. Em 1921, com “Psicologia das massas e análise do eu”, o supereu passa a ser uma instância. Considerado equivalente ou sinônimo do ideal do eu, este deixa de ser considerado herdeiro do narcisismo primário, posto a ênfase colocada, em 1921, na questão identificatória.

A partir do quadro clínico da melancolia, anteriormente exposto no artigo da metapsicologia “Luto e melancolia” (Freud, 1915c), Freud lembra que tal quadro se dá pela reinscrição de um objeto perdido no ‘eu’, isto é pela substituição de um investimento objetal por uma identificação. Tal substituição, diz Freud em 1923,

“[...] tem grande parte na determinação da forma tomada pelo ‘eu’, e efetua uma contribuição essencial no sentido da construção do que é chamado de seu ‘caráter’” (Ibid., p. 41). O que inicialmente é uma vicissitude da melancolia, a identificação com o objeto, passa a ser o próprio processo de constituição do eu.

Do ‘isso’, tido como reservatório da libido, partem os investimentos objetais, produtos das pulsões sexuais das quais, por via do recalque, o eu procura se defender. Segundo Freud (1923), todo abandono de um objeto libidinalmente investido se traduz, de forma mais ou menos sistemática, por uma modificação do eu que, assim como na melancolia, transforma o ‘eu’ por meio da identificação. De acordo com Freud, “[...] é possível supor que o caráter do eu é um precipitado de investimentos abandonados e que ele contém a história dessas escolhas de objeto” (Ibid., p. 42). Diz ele que

[...] deve se admitir, desde o início, que existem diversos graus de capacidade de resistência, os quais decidem até que ponto o caráter de uma pessoa desvia ou aceita as influências da história de suas escolhas objetais eróticas. (Loc. cit.)

As primeiras identificações infantis têm um caráter geral e duradouro e, dentre elas, a identificação com o pai resulta no nascimento do ideal do eu. O ‘supereu’ é o resultado das primeiras escolhas objetais do isso, das primeiras e mais importantes identificações. Mas é também de uma formação reativa contra tais objetos, uma ordem profundamente contraditória que comanda a semelhança para com o pai assim como a proíbe. “Esse aspecto duplo do ideal do eu tem a missão de reprimir o complexo de Édipo; em verdade, é a esse evento revolucionário que ele deve sua existência” (Freud, 1923, p. 47). Note-se que neste texto Freud usa os termos ‘ideal de eu’ e ‘supereu’ como sinônimos.

Quanto mais poderoso o complexo de Édipo e mais rapidamente sucumbir ao recalque, (sob a influência da autoridade, do ensino religioso, da educação escolar e da leitura), mais severa será posteriormente a dominação do ‘supereu’ sobre o ‘eu’ sob a forma de consciência [...] ou, talvez, de um sentimento de culpa inconsciente. (Ibid., p. 47)

O supereu aparece então, segundo Freud, como herdeiro do Édipo, constituindo assim, a expressão mais acabada do desenvolvimento da libido do isso.

Coloca-se então a questão de como relacionar essa nova tópica ao novo dualismo pulsional proposto em *Mais além do princípio do prazer*. Retomando a questão das pulsões de vida – que como vimos, abrangem “[...] não apenas a pulsão sexual [...] mas também a pulsão de autoconservação” (Ibid., p. 53) – e a

pulsão de morte – que tem como representante o sadismo e que podendo expressar-se, quando desviada para o mundo externo, como pulsão de destruição – Freud afirma que entre as duas ordens de pulsão podem operar fusão e des fusão. O “[...] componente sádico da pulsão sexual [é um] exemplo de uma fusão pulsional útil e o sadismo que se tornou independente [o exemplo] típico de uma des fusão embora não conduzida ao extremo” (Ibid., p. 54).

Isso leva Freud à formulação de dois questionamentos absolutamente centrais, questionamentos estes que também serão modos de validar a hipótese da pulsão de morte. Primeiramente, Freud (1923) se pergunta sobre a possibilidade de relações fecundas entre as três instâncias de sua segunda tópica e os dois tipos de pulsão. Em seguida, coloca a questão do que ocorre com o princípio do prazer quando pensado em relação, por um lado, com o eu, o isso e o supereu, e de outro, com as pulsões de vida e de morte.

Freud formula a hipótese segundo a qual existiria uma energia, em princípio “[...] deslocável [e] neutra em si [...]” (Ibid., p. 57), passível de ir de uma pulsão erótica para outra destrutiva de maneira a aumentar seu investimento total. Talvez essa energia provenha da reserva de libido narcísica, do tipo dessexualizado, isto é, sublimada, uma vez que “[...] reteria a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar – na medida em que auxilia no sentido de estabelecer a unidade, ou a tendência à unidade, que é particularmente característica do eu” (Ibid., p. 58). Se incluirmos em tais deslocamentos os processos de pensamento no sentido mais amplo, veremos também que o trabalho do pensamento é suprido pela sublimação de forças pulsionais eróticas.

A partir da observação de que a sublimação pode efetuar-se regularmente através da mediação do ‘eu’, e de que há uma recuperação de investimentos objetivos do ‘isso’ por parte do ‘eu’, através de um expediente em que o eu se oferece como objeto de amor para o isso, Freud observa que

Apoderando-se da libido de investimentos de objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, e dessexualizando ou sublimando a libido do ‘isso’, o eu está trabalhando em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos pulsionais opostos. (Loc. cit.)

Assim, o eu vem a fortalecer a pulsão de morte através da dessexualização da libido. Freud (1923) afirma que a “[...] as pulsões de morte são, por natureza, mudas, e que o clamor da vida procede, na maior parte, de Eros” (Ibid., p. 59).

É quando então o autor aborda a questão da reação terapêutica dita negativa. Segundo Freud (1923), é possível observar no curso de uma análise que quando o analista indica ao paciente uma melhora do quadro, este pode voltar a piorar, o que faz o autor concluir que tal melhora é passível de ser temida, por parte do analisando, como perigosa. Trata-se, segundo Freud, do “[...] mais poderoso de todos os obstáculos à cura, mais poderoso que os conhecidos obstáculos de inacessibilidade narcísica, da atitude negativa para com o médico e do apego ao ganho com a enfermidade” (Ibid., p. 62). Estaríamos lidando aqui com

[...] o que pode ser chamado de ‘fator moral’, um sentimento de culpa, que está encontrando sua satisfação na doença e se recusa a abandonar a punição do sofrimento. [...] Enquanto o paciente está envolvido, esse sentimento de culpa silencia; não lhe diz que ele é culpado; ele não se sente culpado, apenas doente. (Loc. cit.)

Freud indica então como, por conta do recalque exercido por parte do eu, é na histeria, em contrapartida a outros quadros clínicos, tais como a neurose obsessiva e a melancolia, que encontramos com mais facilidade esse sentimento de culpa inconsciente. Grande parte do sentimento de culpa, dado a origem da consciência moral, acha-se intimamente ligada ao complexo de Édipo e é inconsciente.

Se alguém estivesse inclinado a apresentar a paradoxal proposição de que o homem não apenas é muito mais imoral do que crê, mas também muito mais moral de que sabe, a psicanálise, em cujas descobertas repousa na primeira metade da assertiva, não teria objeções a levantar contra a segunda metade. (Ibid., p. 65)

Voltando à questão dos resíduos pré-verbais do pré-consciente, Freud (1923) nos diz que o ‘eu’ e o ‘supereu’, que é uma diferenciação daquele, têm sua origem no que se ouviu, pois o ‘eu’ é em parte acessível ao consciente por via destas representações verbais. O autor ressalta que a energia do investimento não chega aos conteúdos do supereu a partir da percepção auditiva, mas sim do ‘isso’.

Abordando a questão a respeito da via pela qual se desenvolve a extraordinária rigidez e severidade do ‘supereu’ para com o ‘eu’, o autor traz, para ilustrar a radicalidade da agressividade superegóica, o caso da melancolia: aqui, um ‘supereu’ excessivamente forte conseguiu um ponto de apoio na consciência e “[...] dirige sua ira contra o eu com violência impiedosa, como se estivesse se apossando de todo o sadismo disponível na pessoa em apreço” (Ibid., p. 65). Referindo-se ao que havia dito sobre o sadismo, Freud (1923) afirmará que o componente destrutivo, entrincheirado no supereu voltou-se contra o ‘eu’.

O que está influenciado agora o supereu é, por assim dizer, uma cultura pura da pulsão de morte e, de fato, ela com bastante frequência obtém êxito em impulsionar o 'eu' à morte, se aquele não afasta o seu tirano a tempo, através da mudança para a mania. (Ibid., p. 66)

Em outros quadros, a pulsão de morte é passível de ser direcionada para o mundo externo, transformada assim em pulsão agressiva, como é paradigmaticamente o caso na neurose obsessiva, ou refreada por sua fusão com certos componentes eróticos, como ocorre na histeria. Grande parte dela continua, no entanto, “[...] seu trabalho interno sem estorvo” (Loc. cit.). A crueldade do ‘supereu’, instância excessivamente moral, se equipara à do ‘isso’, este amoral.

Sobre a gênese do supereu, Freud (1923) nos diz que, nesta, a identificação com o modelo paterno vem acompanhada por uma dessexualização ou até mesmo sublimação e uma des fusão pulsional. A resultante é uma pulsão destrutiva doravante livre, uma vez que as pulsões de vida já não podem, por conta da sublimação, ligar entre si as moções pulsionais. Temos então como efeitos de tal des fusão, a crueldade e o sentido de dever imperativo.

Em relação às instâncias, Freud (1923) chega a aventar a possibilidade de se pensar um ‘eu’ ocupando uma posição de servo dividido, complacente e obsequioso do ‘isso’, do ‘supereu’ e da realidade externa. Criatura fronteira e sujeita a três tipos diferentes de angústia, o ‘eu’ se renderia freqüentemente “[...] à tentação de se tornar sicofanta, oportunista e mentiroso tal como um político que percebe a verdade, mas deseja manter seu lugar no favor do povo” (Ibid., p. 69).

Tampouco imparcial no que toca às pulsões, o ‘eu’, por intermédio da identificação e da sublimação, auxilia a silenciosa, mas poderosa pulsão de morte a obter controle sobre a libido, expondo-se com isso ao risco de tornar-se objeto dela. Por um lado, “a fim de poder ajudar desta maneira, ele teve que acumular libido dentro de si; torna-se assim o representante de Eros e, doravante, quer viver e ser amado” (Loc. cit.). Por outro, uma vez que o trabalho de sublimação do ‘eu’ resulta em uma des fusão das pulsões, ou seja, em uma liberação das pulsões agressivas no supereu, a luta do ‘eu’ contra a libido o expõe ao perigo de maus tratos e morte.